

Somos todos ignorantes

Raimundo Ferreira de Vasconcelos¹

Como você reagiria ao ser acusado de ignorante? O mais provável seria não aceitar essa adjetivação. Não concordaria, em princípio, mas no calor da discussão, esbravejaria, espumaria de raiva como naquele “mal secreto da cólera que espuma a dor que mora n’alma...”, ficaria vermelho e continuaria, veementemente, a negar a acusação.

Embora seja essa a reação esboçada pela maioria das pessoas, senão todas, nosso propósito com esta comunicação é demonstrar que somos todos ignorantes, uns mais outros menos, mas não deixamos de sê-lo em absoluto, conforme denotará o transcorrer do texto até suas últimas frases.

Prega o senso comum que toda regra tem lá sua exceção e talvez aqui resida o grito de misericórdia dos que pretendem escapar da ignorância. De nossa parte, lamentamos antecipar, nem isso dissipará a questão, afinal, trata-se não de uma regra, mas de uma adjetivação. Enfim, continuaremos ignorantes.

No traslado do conhecimento, vale dizer, do senso comum para a ciência, e portanto, apoiando-nos em terreno mais firme, aonde existem regras, critérios, métodos, teorias, leis e hipóteses, e estas últimas são passíveis de provas, arriscando-se à refutação, para além da comprovação, construiremos algumas premissas na intenção de escaparmos da ignorância.

Diria o acusado em sua autodefesa, eu não sou ignorante, pois jamais cometi alguma estupidez, algum ato de violência contra quem quer que seja, nem tampouco agredi vivente algum, seja ele racional ou irracional.

Neste momento, ao deixarmos o ônus da prova para o acusado, a confusão aumentou, pois o mesmo levou a discussão para terreno nada sólido ao desviar-se da acusação. Por certo agiu inconscientemente sem se dar conta de que o estúpido, o violento também é ignorante, mas o inverso nem sempre é verdadeiro.

Continuamos então ignorantes, mas elevemos o nível da discussão, convidando para o debate mais dois acusados e suas acusações mútuas. O primeiro inicia sua exposição: _ Vossa Senhoria habita na ignorância, pois não enxerga o jogo de soma positiva presente no comércio internacional; desconhece as maravilhas do mercado (produtor, consumidor, trabalhista, monetário, de divisas, de capitais, nacional, internacional, global etc.) com sua auto-regulação, seu equilíbrio no longo prazo; não crê na harmonia de interesses e ainda se recusa admitir que a economia une enquanto a política divide os povos, as nações.

Por sua vez, o outro interlocutor assim se exprime: _ Vossa Senhoria além de ignorante também é cego, pois esse seu mercado me parece bem próximo de uma crise

¹ Doutor em sociologia econômica e mestre em economia política. É coordenador e docente do curso de relações internacionais do Unicentro Belas Artes.

de identidade, assim como não contempla a existência de pessoas, parecendo operar no vácuo, desprovido até mesmo de uma moldura jurídica; a meu ver, o comércio internacional está mais para um jogo de soma zero e mesmo na ocorrência de ganhos mútuos, por certo não serão na mesma proporção; quero ver essa harmonia de interesses acontecer desprovida do uso da lei, emanada daquele que detém o monopólio legítimo da força; enfim, quero ver como seu mercado reagirá à concorrência de um competidor externo, mais avançado técnica e financeiramente, e então, clamará ou não por aquele monopolista a que me referi há pouco e até mesmo pela proteção divina?

Neste momento, e para o bem do diálogo científico, convidamos alguém com munção para acalmar os mais exaltados. Valemo-nos de Habermas com seu Sprachethik (regras de conversação), ao demarcar limites para um diálogo civilizado: “Não minta; preste atenção; não burla; coopere; não grite; deixe que falem os demais; seja imparcial; explique-se quando perguntam; não recorra à violência ou conspiração em auxílio de suas idéias”.

Não obstante, lamentamos desapontar ao leitor, pois esse Sprachethik também não é a chave para escapar da ignorância, a qual felizmente tem limites; ocorre no momento em que o crepúsculo da ignorância cumprimenta o alvorecer do conhecimento, pois ignorância nada mais é do que a falta de conhecimento. A propósito, você sabe quem é o autor do soneto Mal Secreto, aludido no primeiro parágrafo?

Nessa seara do conhecimento costumava se divertir o saudoso antropólogo brasileiro, Darcy Ribeiro, quando brincava de afirmar que um feirante sabe muito mais que um doutor, na medida em que o primeiro conhece um pouquinho de cada tema, enquanto o segundo, conhece muito de um tema só.

Brincadeiras à parte, o fato é que o conhecimento também é relativo; logo, a ignorância não poderá ser absoluta. Assim, há os mais e menos sábios, ou se preferir, os mais e menos ignorantes, porém ignorantes somos todos, afinal ninguém sabe tudo. Incorre em auto-engano quem afirma (ou pensa) saber tudo.

Esse tipo de auto-engano às vezes transparece como ignorância dissimulada, tipificada pelo interlocutor que intenta menosprezar as idéias adversárias e/ou provenientes de outra esfera do conhecimento a qual pouco conhece, a exemplo do cientista político ignorante em economia e do economista que desconhece a política. Na realidade, ambas as esferas são mais complementares que excludentes, afinal, espelham as duas faces de uma mesma moeda, a sociedade. Não obstante, mesmo entre os próprios economistas ocorre ignorância dissimulada quando o véu ideológico impede a visualização/aceitação de paradigmas concorrentes/alternativos.

E para encerrar essa nossa séria brincadeira, lembramos daquele passeio na floresta em que um especialista em botânica era guiado por um caipira como se a ignorância iluminasse a sabedoria. Havia umas duas horas que o botânico, com pretensões exibicionistas, indagava sobre o nome científico das plantas, e diante do desconhecimento do caipira, ele exclamava: _ quanta ignorância!

Demorou pouco e ambos se depararam diante de um rio transbordante, o qual teria de ser atravessado a nado. O botânico se apavora por não saber nadar, quando o

caipira vem em seu socorro, dizendo: Posso não saber o nome das plantas, mas afogado jamais morrerei; vejo que o doutor conhece cada planta, embora se perca na floresta; e como já o guiei até aqui, não me custa transportá-lo no meu ombro à outra margem do riacho.

Mas que mundo de contrários e de contraditórios. Eis a dialética. E no balanço final de contas, ainda somos todos um bocado ignorantes.